

Parque Nacional Marinho de João Vieira e Poilão

Biodiversidade e Conservação

Citação recomendada:

Catry P, Regalla A (Eds). 2018. Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão: Biodiversidade e Conservação. IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau.

O abutre-das-palmeiras, a ave de rapina, florestal e do mar

Mohamed Henriques

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Portugal

Camilo Carneiro

ISPA - Instituto Universitário, Lisboa, Portugal

Paulo Catry

ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal

Citação:

Henriques M, Carneiro C, Catry P (2018). O abutre-das-palmeiras, a ave de rapina, florestal e do mar.

In: Catry P, Regalla A (eds). Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão: Biodiversidade e Conservação.

IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau.

Parque Nacional Marinho de João Vieira e Poilão

Biodiversidade e Conservação

Editores

Paulo Catry e Aissa Regalla



O abutre-das-palmeiras, a ave de rapina, florestal e do mar

Mohamed Henriques, Camilo Carneiro e Paulo Catry

Introdução

O abutre-das-palmeiras *Gypohierax angolensis* (em crioulo conhecido por cotedua e em Bijagó de Canhabaque por “cabago”) é um dos membros mais pequenos e peculiares dos abutres do Velho Mundo (África, Europa e Ásia), pertencentes à família Accipitridae (Campbell 2016). Considera-se representar a transição entre as águias pesqueiras e os abutres, apresentando algumas semelhanças com estas, tal como o pescoço e a cabeça cobertos de penas e a postura mais erecta (Lerner & Mindell 2005; Arshad *et al.* 2009; Campbell 2016). O abutre-das-palmeiras possui características distintas dos restantes abutres, estando geralmente confinado a florestas densas, constituídas frequentemente por palmeiras, e associadas a zonas húmidas bem conservadas (Moreau 1933; Austen 1953; Campbell 2016). Apresenta também uma alimentação variada, consumindo matéria vegetal, animais vivos e carcaças em decomposição (Brown 1982; Mundy 1992; Butchart 1995; Campbell 2016). Os adultos têm uma plumagem distinta, preta e branca, a área ao redor dos olhos nua, de cor vermelha, e o bico acinzentado (Fig. 1 e 2), enquanto a plumagem dos imaturos é acastanhada (Borrow & Demey 2014).

Distribuição e Habitat

Os abutres-das-palmeiras são endémicos do continente africano e encontram-se amplamente distribuídos nas latitudes tropicais, embora sejam mais escassos na África oriental (Mundy 1992; Campbell 2016). Na Guiné-Bissau são principalmente observados na zona costeira, em zonas húmidas e em florestas densas com a presença de palmeiras. Embora ocorram no continente, principalmente no litoral centro e sul, é no arquipélago dos Bijagós que se encontra a maior parte da população da espécie (Mendes *et al.* 1998; Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas 2008; Catry *et al.* 2010; Carneiro *et al.* 2017; Henriques *et al.* 2017).

Figura 1 e 2.
Indivíduos adultos de
abutre-das-palmeiras
poisado e em voo.

Créditos:
Pedro Narra
e Mohamed
Henriques

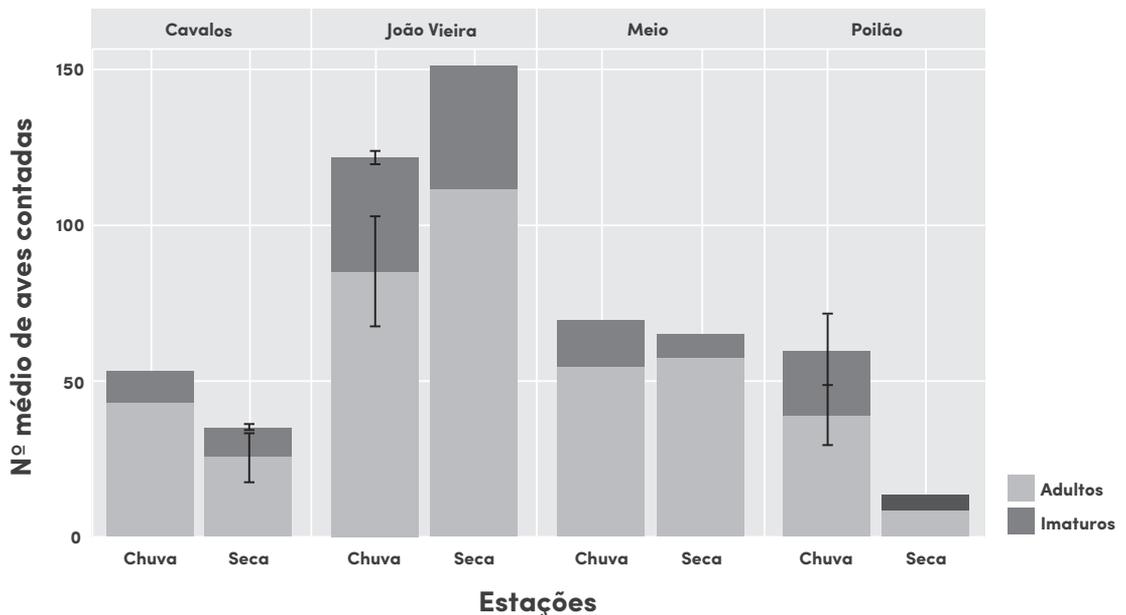


Abundância no PNMJVP

No PNMJVP encontramos provavelmente dos maiores efetivos populacionais de abutre-das-palmeiras da Guiné-Bissau. Aí, durante contagens realizadas em 2015 ao longo de todas as praias das quatro principais ilhas, foram vistos em média 265 indivíduos durante a época seca e 305 durante a época das chuvas (Carneiro *et al.* 2017; Figura 3). Verificou-se uma variação sazonal da abundância

em cada ilha, devido principalmente à diminuição em João Vieira e ao aumento em Poilão no número de abutres-das-palmeiras contados entre a época seca e a época das chuvas (Henriques 2016). Este aumento em Poilão indica a existência de uma relação positiva entre a fenologia da eclosão dos ninhos das tartarugas marinhas e a abundância de abutres-das-palmeiras, com as aves a deslocarem-se para se alimentarem de crias de tartarugas na época das chuvas, durante o pico das eclosões (Carneiro *et al.* 2017). Durante as contagens, os indivíduos no interior na floresta não foram vistos, mas com base noutras observações na floresta, estima-se que poderão haver entre 350 a 500 abutres-das-palmeiras em todo o PNMJVP, ou seja, cerca de 21 a 30 aves por km² (Carneiro *et al.* 2017). No Parque Nacional de Orango, sito também no arquipélago dos Bijagós, foi realizado o único outro estudo conhecido sobre esta espécie na Guiné-Bissau, onde foram contadas 1,7 aves por km no ano de 1998, comparando com as 7,4 aves por km contadas em 2015 no PNMJVP (Mendes *et al.* 1998). Noutras partes da África Ocidental foram reportadas densidades muito menores, como foi o caso da Guiné-Conacri, com 0,012 aves por km, ou da Costa do Marfim, com 0,134 aves por km e densidades de 1,6 aves por km² (Thiollay

Figura 3. Número médio de abutres-das-palmeiras (com medidas de Desvio Padrão) contados em 4 ilhas do PNMJVP, durante a época seca e a época das chuvas de 2015.



2007; Rondeau *et al.* 2008). Face a estes números, a abundância de abutres-das-palmeiras no PNMJVP afigura-se não só importante no contexto nacional, mas também ao nível da África Ocidental.

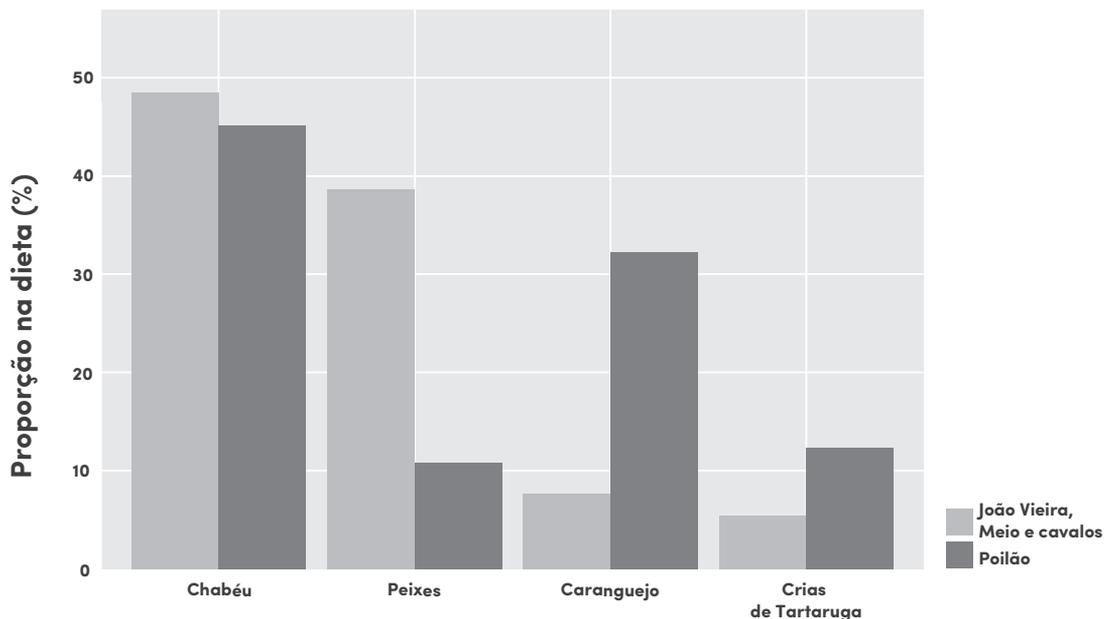
Comportamento alimentar e dieta

O abutre-das-palmeiras apresenta um comportamento de procura e obtenção de alimento diferente dos restantes abutres, sendo capaz de caçar serpentes na floresta e filhotes de tartaruga na praia, capturar caranguejos nas rochas expostas, pescar peixe à maré baixa nos bancos de areia e em zonas pouco profundas, e comer chabéu - o fruto da palmeira (Austen 1953; Brown 1982; Mundy 1992; Butchart 1995; Campbell 2016). De acordo com observações do comportamento alimentar desta espécie realizadas no PNMJVP, fora da floresta os abutres-das-palmeiras em João Vieira foram observados 62% das vezes a procurar alimento na área do intermareal e 35% das vezes sobre o mar (durante a época seca), enquanto que em Poilão procuravam alimento principalmente sobre a praia (67% das vezes) e apenas em 14% das vezes faziam-no sobre o mar (durante a época das chuvas; Carneiro *et al.* 2017). Estas observações provavelmente refletem a diferente disponibilidade e distribuição de alimento nas duas ilhas.

No PNMJVP os abutres-das-palmeiras usufruem de uma variedade considerável de itens alimentares, alguns com disponibilidade sazonal e outros cuja disponibilidade depende essencialmente da maré. Realizámos estudos sobre a sua dieta recorrendo ao uso de observações diretas, à recolha de itens alimentares por baixo de ninhos e de um dormitório, e ainda através da análise de isótopos estáveis (Carneiro *et al.* 2017). As presas mais frequentemente encontradas por baixo dos ninhos foram caranguejos de várias espécies (69%; maioritariamente caranguejos nadadores - Portunidae), seguidos de restos de chabéu, o fruto da palmeira *Elaeis guineensis* (34%). Os resultados das análises isotópicas a penas de adultos e amostras de prováveis presas sugerem que o chabéu é um elemento de grande importância na dieta destas aves, representando mais de 45% da mesma. Nas ilhas de João

Vieira, Meio e Cavalos, a segunda presa mais importante para os abutres-das-palmeiras são os peixes, contrariamente ao que acontece em Poilão, onde os caranguejos ocupam essa posição. Isto deve-se provavelmente a diferenças de habitat. No caso de João Vieira, Meio e Cavalos, há muitas áreas de areia (de praia e intertidal), extensos bancos e zonas pouco profundas à volta das ilhas, onde será mais fácil encontrar peixes mortos ou mesmo capturar peixes vivos. Observámos abutres-das-palmeiras a alimentarem-se de cadáveres de raias (*Batoidea*) e peixe-agulha (*Tylosurus* sp.) no intertidal, mas também a capturar presas à superfície da água e a transportar peixes vivos (por exemplo, a enguia da espécie *Myrophis plumbeus*). Além daqueles grupos, identificámos na sua dieta ciclídeos (*Cichlidae*), peixe-gato-marinho (*Ariidae*), e tainhas (*Mugillidae*), entre outros. Já em Poilão, há mais recifes rochosos expostos e menos áreas de praia e bancos de areia. Consequentemente, os abutres-das-palmeiras encontram sobretudo caranguejos nas rochas. As crias de tartarugas figuram também na dieta dos adultos (Figura 4), sendo fácil observar, sobretudo cedo de manhã, os abutres a capturar na praia ou nas rochas tartaruguinhas que ainda não chegaram ao mar.

Figura 4. Proporção dos quatro alimentos mais prováveis na dieta de abutres-das-palmeiras, estimada através de isótopos estáveis e modelos Bayesianos, em João Vieira, Meio e Cavalos (cinzento-claro) e em Poilão (cinzento-escuro).



Reprodução

Os abutres-das-palmeiras são aves com uma taxa de reprodução muito baixa, fazendo posturas de um único ovo e tendo uma idade de maturação tardia (Mundy 1992; Campbell 2016). Normalmente na África Ocidental reproduzem-se na época seca, sendo o tempo de incubação de 4 a 6 semanas e as crias abandonam os ninhos 85 a 90 dias após a eclosão (BirdLife International 2016). Entre 17 de Novembro de 2014 e 8 de Abril de 2015 foram encontrados 29 ninhos da espécie em João Vieira e Meio, dos quais 13 foram monitorizados, recolhendo-se informações sobre a biologia reprodutiva. A 17 de Novembro de 2014 foi registada a primeira atividade de incubação, que poderá ter-se iniciado antes, dado que as observações só começaram nessa data. As primeiras crias foram observadas a 15 de Fevereiro de 2015 e a primeira cria com tamanho do adulto foi observada a 22 de Março desse ano, tal como a primeira cria voadora. A 8 de Abril, 54% dos ninhos monitorizados já tinham crias voadoras. Uma das crias permaneceu junto ao ninho pelo menos durante 34 dias. As árvores (de grande porte) mais utilizadas para nidificar são tagaras *Alstonia congensis* e poilões *Ceiba pentandra* (correspondentes a 86% dos 29 ninhos localizados), sendo os ninhos construídos a uma altura média de 22 metros (Carneiro *et al.* 2017).

Estado de conservação no PNMJVP

O abutre-das-palmeiras é uma das poucas espécies de abutre de África que não está classificada como globalmente ameaçada de extinção no Livro Vermelho da UICN, mas não existem praticamente estudos sobre as suas tendências populacionais (IUCN 2016). Os dados recentemente recolhidos no PNMJVP constituem um importante estado de referência que permitirá aferir alguma evolução futura nos efetivos. No PNMJVP não foram identificadas ameaças específicas para esta espécie e a área reúne condições muito favoráveis, podendo contribuir de forma significativa para a sua conservação. Noutras áreas da Guiné-Bissau, já ouvimos relatos de capturas de juvenis no ninho para consumo (por exemplo em Pecixe) ou de armadilhagem de adultos por pescadores estrangeiros

(nas ilhas de Orango), pelo que é importante compreender e monitorizar este e outros eventuais tipos de ameaças que frequentemente pesam sobre aves de grande porte com muito baixa tolerância à exploração humana.

Referências bibliográficas

Arshad M, Gonzalez J, El-Sayed AA, Osborne T, Wink M (2009). Phylogeny and phylogeography of critically endangered Gyps species based on nuclear and mitochondrial markers. *Journal of Ornithology* 150: 4419-4430.

Austen WM (1953) Palm-nut Vultures *Gypohierax angolensis* in raphia palms at Mtunzini, Zululand. *Ostrich: Journal of African Ornithology*, 24: 98-102.

BirdLife International (2016) Species factsheet: *Gypohierax angolensis*. Available from <http://www.birdlife.org/datazone/species/factsheet/22695170> (accessed September 28, 2016).

Borrow N, Demey R (2014) *Birds of Western Africa*. Second Edition. Christopher Helm, London.

Brown CJ (1982) The Palm-nut Vulture in Maputaland. *African Wildlife* 36:140-141.

Butchart D (1995) Some observations on the Palm-nut Vulture in Gabon, Central Africa. *Vulture News* 32:19-22.

Carneiro C, Henriques M, Barbosa C, Tchantchalam Q, Regalla A, Patrício AR, Catry P (2017) Ecology and behaviour of Palm-nut Vultures (*Gypohierax angolensis*) in the Bijagós Archipelago, Guinea-Bissau. *Ostrich* 88(2): 113-121.

Catry P, Barbosa C, Indjai B (2010) Tartarugas Marinhas da Guiné-Bissau: Estatuto, biologia e conservação. Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas, Bissau.

Henriques, M (2016) Vultures in Guinea-Bissau: establishing baseline data on distribution and abundance, assessing conservation status and launching basis for populations monitoring. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Henriques M, Lecoq M, Monteiro H, Regalla A, Granadeiro JP, Catry P (2017) Status of birds of prey in Guinea-Bissau: first assessment based on road surveys. *Ostrich* 88(2): 101-111.

IBAP - Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (2008) Plano de gestão do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão. Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau.

IUCN (2016) The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2016-2. Available from <http://www.iucnredlist.org/> (accessed September 19, 2016).

Lerner HRL, Mindell DP (2005) Phylogeny of eagles, Old World vultures, and other Accipitridae based on nuclear and mitochondrial DNA. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 37: 327-346.

Mendes L, Nunes M, Rocha PA (1998) Recenseamento da Águia-pesqueira-africana *Haliaetus vocifer*, Abutre-das-palmeiras *Gypohierax angolensis* e Águia-pesqueira-europeia *Pandion haliaetus* no Parque Nacional de Orango, República da Guiné-Bissau. IUCN, Bissau.

Moreau RE (1933) A Note on the distribution of the Vulturine Fish-eagle, *Gypohierax angolensis* Gmel. *Journal of Animal Ecology* 2: 179-183.

Mundy PJ (1992) Palm-nut Vulture. in PJ Mundy, D Butchart, J Ledger, S Piper. *The Vultures of Africa*. Acorn Books & Russel Friedman Books, Randburg.

Campbell MO (2016) *Vultures: Their evolution, ecology and conservation*. CRC Press - Taylor & Francis Group, New York.

Thiollay JM (2007) Raptor population decline in West Africa. *Ostrich* 78: 405-413.

Rondeau G, Condé MM, Ahon B, Diallo O, Pouakouyou D (2008) Survey of the occurrence and relative abundance of raptors in Guinea subject to international trade. Nature Conservation Committee Report, Peterborough.